

PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA LEITURA DISCURSIVA

Claudio Gonçalves Gomes¹

Resumo: Assevera o filósofo francês que os mecanismos por meio dos quais os sujeitos constroem sua história vão ser denominados de modos de subjetivação (FOUCAULT, 1984). Um dos seus sentidos diz respeito à forma como o sujeito estabelece relação consigo mesmo. No discurso pedagógico, há todo um léxico que converge para essas formas de relação consigo mesmo. Assim, conhecer-se, estimar-se, controlar-se, disciplinar-se são ações reflexivas que vão construindo tais formas de relação (LARROSA, 1994). Por conseguinte, autoconhecimento, autoestima, autonomia, disciplina são termos que compõem e refletem esse discurso de si, conforme argumenta Larrosa (1994). Esse sujeito que se volta para si não pode ser pensado a-historicamente, dissociados dos discursos e das relações de poder. As relações de poder estabelecem os modos pelos quais os professores se veem, enxergam o aluno e compreendem a sua *práxis* pedagógica. Nesse contexto, em que medida o professor de Língua Portuguesa, a partir da experiência de si, se subjetiva, revela identidades nas tessituras de suas narrativas? Ao tecer a trama das suas experiências profissionais, como o discurso pedagógico o atravessa? Para responder a essas questões, é preciso buscar, no fio discursivo e no interdiscurso, os dizeres que ancoram a subjetivação do professor a partir do lugar sócio-histórico e ideológico em que se encontra. Nesse sentido, neste artigo, objetivamos compreender como se dá esse processo no professor de Língua Portuguesa, tendo como base as suas experiências narrativizadas na seção *Retratos* da revista *Conhecimento Prático: Língua Portuguesa*. Adotaremos, como metodologia, a utilização de sequências discursivas (SD), retiradas de seis relatos dos sujeitos professores. Ancoramos nossa reflexão no mirante da Análise do Discurso francesa (ADF) de Michel Pêcheux e, sobretudo, das contribuições Michel Foucault para esse campo teórico.

Palavras-chave: Subjetivação. Experiência de si. Discurso. Poder.

Summary: French philosopher asserts that the mechanisms through which individuals construct their story will be called modes of subjectivity (Foucault, 1984). One of your senses with regard to how the individual establishes relationship with himself. In the pedagogical discourse, there is a whole lexicon that converges to these forms of relationship with yourself. Thus, to know yourself, be estimated, control yourself, discipline yourself are reflex actions that are building these forms of relationship (LARROSA, 1994). Therefore, self-knowledge, self-esteem, autonomy, discipline are terms that make up and reflect this speech itself, as argued by Larrosa (1994). This guy turns to itself can not be thought ahistorically, dissociated from discourses and power relations. Power relations establish the ways in which teachers see themselves, they see the student and understand their pedagogical praxis. In this context, the extent to which the teacher of Portuguese, from the experience of himself, subjective, reveals identities in the tessitura of their stories? To weave the fabric of their professional experiences, as the pedagogical discourse crosses? To answer these questions, it is necessary to look at the discursive thread and interdiscourse, the words that anchor the subjectivity of the teacher from the socio-historical and ideological place where you are. In this sense, this study was intended to understand how this process takes place in the teacher of Portuguese, based on their experiences in the section narrativizadas magazine portraits Working knowledge: Portuguese. We will take as a methodology, the use of discursive sequences (SD) taken six reports of the subjects teachers. We anchor our reflection on the lookout Analysis of French Discourse (ADF) of Pêcheux and especially of Michel Foucault contributions to the theoretical field.

Keywords: Subjectivity. Experience itself. Speech. Power.

¹ Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este artigo originalmente foi apresentado em forma de comunicação em evento na UFBA. E-mail: claudiog.gomes@hotmail.com

No discurso pedagógico, o sujeito professor vai construindo sua identidade com base nas relações que estabelece com o ensino, com os educandos e consigo mesmo. Mostrar-se, desnudar-se, expor-se nem sempre constitui uma tarefa fácil, uma vez que o processo de subjetivação do professor é marcado por uma gama de tensões que sinalizam para a construção de sua identidade permeada de anseios, desejos, medos, esperança, decepção que vão moldando a sua maneira de pensar o processo educacional. Nesse sentido, buscamos, neste trabalho, analisar o discurso do professor de língua portuguesa, com base na escrita de si, sobre suas experiências educacionais, narrativizadas nos relatos. Nosso interesse reside no processo de subjetivação do professor, que se constrói na discursividade. Para tanto, adotamos a Análise do Discurso de orientação francesa (doravante AD) para ancorar nossas análises. Dessa forma, nesse artigo tecemos as palavras iniciais na introdução. Em seguida, discorreremos sobre o sujeito, o imaginário discursivo, subsidiado pelos pressupostos teóricos de Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010). Dando sequência ao trabalho, aportamos na escrita de si, conceito trabalhado por Foucault. Na terceira seção, analisamos os discursos do sujeito professor, a partir dos seus relatos. Por fim, tecemos as considerações finais desse trabalho, considerando a análise dos dados.

O sujeito na perspectiva discursiva

O quadro epistemológico da AD reside na articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico no qual se encontra a Teoria das Formações Sociais e a Teoria das Ideologias; a Linguística, como teoria dos mecanismos da sintaxe e dos processos discursivos e a Teoria do Discurso permeada pela determinação histórica dos processos semânticos. Essas três regiões são perpassadas por uma teoria da subjetividade de base psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2010). Dessa forma, esses autores postulam uma teoria não subjetiva da subjetividade, o que significa afirmar que o sujeito está inscrito no social e, portanto, se constitui como uma posição. Portanto, o sujeito não é concebido como um ser

individual, portador de uma intencionalidade. Esta posição é sócio-histórica e ideológica.

A questão do sujeito nas ciências sociais já havia sofrido críticas por Pêcheux. No texto *Para uma teoria geral das ideologias*, assumindo o pseudônimo de Thomas Hebert, Pêcheux ([1968], 1995) utiliza a psicanálise como um instrumento para a leitura não ideológica das relações sociais, revelando a relação entre inconsciente, discurso e ideologia.

Ao retomar Althusser, em *Aparelhos ideológicos do Estado*, Pêcheux ([1975], 2009), tece as bases para teoria não subjetiva do sujeito. Ele retoma as duas proposições de Althusser (1983) para quem *só há prática através de e sob uma ideologia e só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos*. Esta última proposição constitui a tese central de Althusser, segundo Pêcheux ([1975], 2009). Assim, para o autor, essa teoria constitui as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção.

O sujeito do qual trata Althusser (1983), de acordo com Pêcheux ([1975], 2009), o sujeito universal, pode ser denominado como o Outro do qual fala Lacan. O Outro se refere ao discurso do inconsciente. Esclarece que tanto o recalque inconsciente quanto o assujeitamento ideológico apresentam-se materialmente ligados no interior do processo do Significante na interpelação e na identificação. Assim, procura estabelecer articulações entre ideologia e inconsciente, *estruturas-funcionamentos* por ele designadas cuja função é dissimular no interior do seu funcionamento evidências subjetivas, ou seja, aquelas concernentes à constituição do sujeito. Tais evidências estão no cerne de uma filosofia idealista que vê o sujeito como único, como causa de si. Contudo, observa o autor que essas evidências são ocultadas,

Do ponto de vista da AD, o imaginário discursivo advém das imagens que os interlocutores se fazem no processo interativo. Tal imaginário, reformulado por Pêcheux e Fuchs ([1975], 2010), com base no esquema de comunicação de Jakobson, se organiza a partir da imagem que A faz de B, da imagem que B faz de A, da imagem que A faz de si mesmo e da imagem que B faz de si. Ao trazermos para o discurso pedagógico tal noção, podemos pensar no imaginário discursivo da instituição escolar determinado pelas imagens do professor em relação ao ensino, à educação, ao educando e as imagens do educando em relação ao professor, à educação, à instituição.

Não se pode esquecer que tais imagens são determinadas pelo esquecimento n. 1, que constitui o processo de subjetividade na língua. Isso significa dizer, segundo Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), que este esquecimento apresenta-se como uma zona inacessível ao sujeito no qual a ideologia e o inconsciente se articulam. Dessa forma, é o recalque o elemento caracterizador do esquecimento n. 1. Esse esquecimento, portanto, é da ordem do inconsciente, produzindo a ilusão de que o sujeito é a fonte do dizer. Assim, para a AD, o sujeito, mesmo sem ter consciência disso, se subjetiva atravessado pela ideologia. Nesse sentido, podemos dizer que a escrita de si constitui um dos mecanismos através do qual o sujeito revela sua subjetividade marcada pela historicidade.

O sujeito e a escrita de si: a função etopoiética

Foucault (1992) atribui a escrita de si uma função *etopoiética*. Em outras palavras, esta função implica um operador transformação de verdade em um *ethos*². Segundo Foucault (1992), essa função se exerce de duas maneiras: os *hiponmetta* e a correspondência. A primeira, correspondia a livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais. Ressalta o autor que eles constituíam uma memória material do que era lido, ouvido e pensado, oferecendo, assim, um tesouro para consulta posterior. A correspondência, por outro lado, além de apresentar a função de adestramento de si, apresenta uma certa maneira de o indivíduo se revelar aos outros. Nesse sentido, a escrita afigura-se uma prática relevante para se compreender como o sujeito se subjetiva, revelando os seus movimentos reflexivos, conforme assevera Foucault (1992, p. 146): “a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento”.

Vale ressaltar que, conforme Foucault (2004), na Idade Média, a escrita de si atuava como um dispositivo de controle. Sendo assim, exercia uma função punitiva e corretiva, já que os pensamentos inadequados passava por seu crivo. Dessa forma, a escrita assumia um função confessional, tendo em vista que o infrator encontrava nela uma espécie de catarse para sua culpa.

² O *Ethos* na concepção foucaultiana não tem relação com a Retórica.

Observa Foucault (1988) que a partir do protestantismo, da contrarreforma, da pedagogia, da medicina do século XIX, tal prática se expandiu, diversificando os motivos e seus efeitos, assim como suas formas, tais como interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas.

A experiência narrativizada: modos de subjetivação

Nesta seção, debruçar-nos-emos sobre nosso *corpus*, visando analisar o processo de subjetivação do professor com base na escrita de si. Elegemos algumas sequências discursivas, selecionadas de seis relatos a fim de verificarmos como o professor se subjetiva a partir da sua relação com a experiência profissional, que imagens faz de si, do educando, do ensino. Selecionamos seis relatos da seção *Retratos da Revista Língua Portuguesa: Conhecimento Prático*.

A revista *Língua Portuguesa: Conhecimento Prático* constitui uma publicação mensal da Editora Escala. Segundo o site da editora³, o grupo originou-se a partir da fundação da Editora Escala em 2 de março de 1992, no bairro da Vila Nova Conceição, em São Paulo. Ela atua nas áreas de edição, impressão e distribuição de livros didáticos, paradidáticos e revistas. Apresenta como meta a divulgação de informação e conhecimento, atrelada à responsabilidade social e ambiental, bem como uma visão segundo a qual todas as pessoas possam ter acesso à leitura, na construção de uma vida melhor. Selecionamos as edições 32, 38, 39, 42, 44, 46, fazendo o recorte de algumas sequências discursivas (SD). Como nosso interesse reside na posição sujeito- professor, identificamos os sujeitos mediante letras.

Sujeito A- Por que estudar Língua Portuguesa?

SD1: Língua e Gramática não são a mesma coisa, a gramática faz parte da língua, mas não é imprescindível para o bom uso dela.

³ EDITORA ESCALA. Disponível em: <<http://www.escala.com.br/ogrupos.asp>>. Acesso em: 10 de abril 2013.

SD2: Acostumamos com tal forma de ensino durante séculos que a resistência à mudança é sempre muito forte. A escola, tanto pública como particular, está costumada ao estudo gramatiquero, possuindo inúmeros programas de estudo baseado na gramática, que é não é por acaso chamada de tradicional.

SD3: É necessário haver um ensino reflexivo, baseado no uso e não em regras que não possuem nenhuma relação com a realidade.

SD4: [...] as aulas de Língua Portuguesa devem trabalhar com o que realmente faz sentido e valor prático. Assim, quem sabe, nossas aulas serão menos enfadonhas e muito mais produtivas.

A análise das sequências discursivas revela a escrita de um sujeito que organiza uma concepção de ensino da língua que se baseie no uso linguístico. O sujeito identifica-se com uma formação discursiva que pressupõe a língua como atividade interativa, sustentada por um interdiscurso da Linguística Aplicada. Ao se incluir no processo o qual critica, o sujeito produz uma imagem de si que se caracteriza por se preocupar com o ensino das aulas de Língua Portuguesa, marcada pelo predomínio da gramática, desvinculada dos usos reais.

Sujeito B- Como vai você?

SD1: Como professora, tenho um olhar clínico a respeito dos alunos. Existem vários deles de diferentes características e histórias as quais respeito muitíssimo. [...]. O aluno que mais me irrita é aquele que desperta a minha inveja.

SD2: Quando tenho a oportunidade de conhecer as raízes dos meus alunos, entendo muitas vezes o porquê do grito, da revolta, da inexistência de esperança e chego à conclusão de que, se meu trabalho reservar-se apenas ao ensino, será um fracasso.

SD3: É bem verdade que seria mais fácil fechar os olhos para esta realidade e exercer o papel pelo qual sou paga (professora) do que me dispor a ouvir o meu aluno. Entretanto, quando penso nisto, lembro-me de mim, que dos oito aos onze anos não tinha o estudo como primazia [...] o que mais me atormentava não era as inadequações da gramática ou as quatro operações e, sim, a falta de um ouvinte.

SD4: Se alguns mestres no passado não tivessem parado um minuto para ouvir a minha dor, mesmo não dando solução, talvez, hoje não estaria aqui.

Nessas sequências discursivas acima, observamos o sujeito que mostra da escrita de si, revelando sua preocupação com os estudantes. Portanto, sua escrita produz uma imagem de si com uma professora zelosa. Em seu discurso, destaca-se uma profissional

preocupada com pessoa do educando, com a escuta atenta para os fatores que desencadeiam o chamado “aluno problemático”. A experiência de si ativada pelo interdiscurso a faz buscar entender o porquê de o aluno ser dessa forma. Assim, verificamos que “[...] a constituição de si se dá a partir da recolha do discurso dos outros (FOUCAULT, 1992, p. 110)”. Na sua escrita, revela-se uma imagem de que os educadores priorizam os aspectos cognitivos em detrimento dos aspectos afetivos.

Sujeito C- Mas você vai ser professor?

SD1: A prática me ensinou definitivamente o que que era sugerido por aquelas perguntas preocupadas dos meus amigos: o salário não é bom, a rotina é cansativa, as reuniões pedagógicas são constantes, a necessidade de atualizar-se é diária, e a docência, a relação com os alunos, é impactante.

SD2: Tornei-me professor muito depois de receber o diploma com a habilitação. Acho que posso dizer que fui lapidado com a prática, e ainda tenho muito pela frente, pois só quatro anos desde aquele primeiro dia.

SD3: [...] já tenho minhas certezas: ser professor poderia ser mais confortável, poderia ser menos estafante, mas vale todos os momentos.

SD4: Então, sim, escolhi ser professor. É mesmo comparável a colocar a cabeça dentro da boca de um leão ou qualquer outra coisa que os outros julguem louca, mas não faz ideia da emoção que causa.

Nas sequências discursivas acima, a escrita de si desse sujeito demonstra o reconhecimento do contexto negativo que acompanha a profissão. Há uma memória discursiva que atualiza o discurso pedagógico no que se refere às condições profissionais do professor. As suas formulações revelam a construção de uma imagem de si como educador que acredita no poder emocional do educar. Os ecos do discurso das condições disfêmicas repercutem na escrita desse sujeito; contudo, não o impedem de vislumbrar a experiência emocional implicada pelo ensino.

Sujeito D- Professorar

SD1: Professorar é elaborar material didático adequado ao perfil, à rotina e as necessidades dos discentes.

SD2: Professorar é ser também um pouco psicólogo, mãe, pai, amigo; é ter ouvidos atentos e empáticos para auscultar histórias de desabafo e de superação [...].

SD3: Professorar é treinar não somente as competências técnicas, mas educar as comportamentais, mais sutis, subjetivas e intangíveis, como comunicação; relações interpessoais; criatividade [...]

SD4: [...] Consiste em cativar e cultivar valores pessoais corretos, bons, respeitosos em relação a si e aos outros e compartilhá-los por meio de um olhar acolhedor, humilde, da escuta atenta e de palavras de incentivo em relação às esperanças de novas conquistas [...].

A análise das sequências discursivas acima revela a escrita de si um sujeito que demonstra, mediante a construção de um neologismo, as representações sobre a função do professor. Em seu discurso, pode-se depreender que o professor assume, no seu fazer pedagógico, múltiplas funções que compreendem as dimensões cognitivas, terapêuticas, afetivas e morais. Podemos perceber marcas de um interdiscurso que atribui ao professor não só a tarefa de ensinar, mas de educar no sentido amplo.

Sujeito E- Cruzando a ponte do mero professor

SD1: [...] Sei que parece lugar-comum, mas é o brilho nos olhos dos meus alunos quando faço ou digo algo em aula, que transforma sua visão de mundo, amplia sua percepção da realidade e acende a paixão pelo conhecimento.

SD2: Entre os docentes, é chavão culpar os pais pelo comportamento inadequado dos alunos e dizer quanto a isso nada a fazer; que os pais não estabelecem limites, que delegam à escola o papel que lhes caberia, que pouco se importam com formação dos pequenos...

SD3: É primordial que o mestre sinta empatia por seus alunos e ajude-os a se libertar de seus grilhões, permitindo-lhes errar e ousar a fim de desenvolverem seu pleno potencial- que o docente exercite a ética, cidadania e democracia em sua sala de aula...

SD4: [...] não há nada mais de gratificante do que conseguir mostrar a um jovem que há um caminho nobre a seguir mesmo no horizonte obscuro que a nós se apresenta- e que este vale a pena.

Observamos, nas sequências discursivas acima, a escrita de si do sujeito comprometido com o outro. A imagem que faz de si é que o que ela diz pode mudar a percepção do educando sobre a realidade. Em suas formulações, há um interdiscurso que circula no discurso pedagógico que atribui a responsabilidade dos pais pelo comportamento indisciplinar dos alunos. Observamos, no discurso desse sujeito, um pré-construído de que ser mestre é estabelecer uma relação empática com o educando. Verificamos, nas formulações linguísticas desse sujeito, uma experiência de si perpassada pela satisfação em ser professor.

Sujeito F- O autovalor da autoestima

SD1: [...] acostumada a programar aulas que visassem ao aprimoramento linguístico dos meus alunos, de repente deparei-me com o desafio de ajudar na preparação de uma aula que fazia parte de um projeto de pessoas altruístas-voluntários que doam seu tempo e energia com o único intuito de contribuir para a educação, em seu sentido lato, de jovens carentes.

SD2: Temos de acreditar que temos a capacidade de superar as dificuldades e obstáculos que se apresentam. Gostar de gente é muito bom! Mas, cuidado, é preciso tolerância.

SD3: Lembrem-se de que cada um de nós tem dentro de si uma sementinha diferente e ela que nos faz únicos, é ela que nos vai dar condições de contribuir para que o mundo seja um lugar melhor.

SD4: [...] agradeçam, todos os dias, a dádiva de estar vivo. A vida é um presente, logo façam dela o melhor que puderem. Em seguida, todos se retiraram da sala com um sorriso nos lábios e outro no coração.

Na análise das sequências discursivas acima, observamos a escrita de si que a impele a ocupar um outro lugar discursivo: ajudar em um projeto de autoestima. As formulações linguísticas do sujeito ensejam um discurso de superação, da diferença e de otimismo. As condições de produção da aula elencada pelo sujeito revelam um imaginário de felicidade, de tranquilidade, de harmonia. A imagem que faz de si é que consegue veicular sentidos que encontraram eco em seus alunos, conforme a descrição da satisfação destes, ao saírem da aula.

Considerações finais

Para efeito de fim, já que, para AD, o discurso nunca se fecha, gostaríamos de elencar algumas questões que foram por nós traçadas ao longo deste artigo. Como vimos, buscamos entender como se dá o processo de subjetivação do professor, com base na escrita de si mediante alguns relatos, selecionados da seção *Retratos* da revista *Língua Portuguesa: Conhecimento Prático*.

Ancorados nos pressupostos da AD, buscamos perscrutar o discurso do professor no que diz respeito a si mesmo, a sua relação com o ensino e com os educandos. As análises revelaram que o professor se subjetiva, expressando seus pontos de vista, suas emoções, suas percepções sobre o que ensinar e como ensinar. Os sentidos produzidos pelo sujeito deixam antever um interdiscurso que vai de encontro aos saberes atrelados à

função do professor. Os sujeitos percorrem seu caminho estabelecendo relações, sobretudo afetivas e emocionais com seus educandos, revelando imagens de si, como indivíduos empáticos, esperançosos, transformadores, caminhando por uma via que valorize o educando, sobretudo no que concerne aos aspectos afetivos, num processo de escuta e estímulo à autoestima do educando.

Apesar de, no imaginário discursivo, grande parte dos professores não se reconhecerem como referência para o aluno, vimos, na experiência de si dos sujeitos analisados, outras formações discursivas nas quais o professor assume sua importância no processo de ensino e aprendizagem e na repercussão que seus dizeres e atitudes podem ter na constituição da identidade do sujeito estudante.

Por fim, é preciso salientar que essa breve análise apenas constitui um indício de que, no espaço pedagógico, a escrita de si, ou seja, a escrita do professor pode trazer à tona outras possibilidades de compreender como esse profissional se subjetiva na sua prática como educador.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité.II: L'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 1. ed., Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- HEBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. (1968). *Rua*, n.1, p. 63-89, Campinas, 1995. Tradução de Carolina M. R.Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Thomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel, FUCS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.